

## O ENFOQUE HOLÍSTICO DO CURRÍCULO E O NOVO PAPEL DO PROFESSOR

Maria de Lourdes Almada Prestes\*

### 1 – A Mudança no Currículo: conteúdos, métodos e objetivos.

No currículo, fala-se muito de conteúdos, e sabemos que não são muito difíceis de mudar. Têm mudado muito nos últimos anos e mudarão ainda mais. Muitas vezes, a mudança não é tão profunda como gostaríamos, porque o professor sempre tende a utilizar os materiais que conhecia quando era, ainda, estudante. Por outro lado, o professor de 1º e 2º graus, por exemplo, dispõe de pouco tempo para se preparar em coisas mais modernas, mais atualizadas. De todo modo, se nota uma mudança relativamente grande no currículo. Ultimamente, a introdução de calculadora e computadores – a preços muito módicos e com possibilidade para fazer simulações interessantes – vai tendo profunda influência no currículo de todos os países, o que tende a aumentar mais nos próximos anos e em todas as disciplinas.

Quando se fala de currículo, fala-se muito de métodos. Mas, sabemos que o método é mais difícil de mudar. Um professor ensina de certa maneira, desenvolve o que eu chamo uma es-

trutura de poder para conduzir sua classe, para manejar seus alunos, e isto faz com que o professor seja capaz de conduzir sua prática educativa. Ora, é sabido que a mudança de metodologia implica na mudança da maneira de falar, de conduzir o trabalho com os alunos, e isto é muito difícil.

Mas, ainda muito mais difícil de mudar é o outro componente do currículo, ou seja, os objetivos. E é porque todos cremos que o que ensinamos é importante. Assim, quase todos os objetivos de nosso ensino dependem da importância que damos a nossos temas, e, a partir daí, perdemos um pouco a perspectiva do que o aluno crê que é importante e dos objetivos dos alunos. Este tipo de cargas emocionais e culturais que levamos e que estão de acordo com o que conhecemos (“o que conhecemos é importante e vamos transmiti-lo a vocês”) faz com que percamos a perspectiva do que os alunos têm como objetivo vital e do que, dentre aquilo que lhe ensinamos, se encaixa no mesmo.

### 2 – O Enfoque Holístico

Esta concepção de olhar conteú-

\* Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia-MG

dos, métodos e objetivos nesse contexto, fora do que é a disciplina que ensinamos, é o que hoje poderíamos chamar o enfoque holístico do currículo. Este deriva-se de uma filosofia da educação que começa a tomar corpo e está presente praticamente em todos os sistemas educacionais, mas de maneira pouco notória, ainda que agora comece a se configurar o que se pode dizer que constitui uma teoria educacional.

O enfoque holístico basicamente consiste em reconhecer que estamos trabalhando com um sistema, que somos parte de um sistema. Esse sistema é o homem, o ser humano, a realidade na qual estamos imersos. Esta realidade inclui toda a realidade natural derivada da natureza: uma realidade social, uma realidade cultural e uma realidade política.

Toda esta realidade em que estamos imersos constitui um todo, e sabemos que esse todo é mais do que a soma de suas partes. Pois bem, aqui vem a novidade do enfoque holístico: este sistema no qual, repetimos, estamos todos imersos, inclui com igual importância que suas partes se interrelacionam entre si. Isto é, eu não posso considerar meu sistema, o sistema no qual operamos, olhando-me a mim mesmo e olhando o outro, como se esta sociedade fosse a adição de cada um de nós. Não, é muito mais do que isso: é também a interrelação entre nós. A maneira como nos comunicamos é tão importante ou mais que cada um de nós individualmente.

Suponhamos uma classe, uma turma de 40 alunos que são 40 partes, não 40 indivíduos; são 40 alunos que têm todas as suas tensões, todas as interrelações, o que é parte do sistema. Nossa relação com a natureza não consiste em conhecer aquela árvore ou em saber o que faremos com ela, mas em saber como aquela árvore participa de todo este contexto, como se relaciona com o animalzinho que depende dela para sua alimentação. Por aqui se vê que, no enfoque holístico, uma das manifestações mais conhecidas e mais freqüentes é a ecologia. Nem se pode falar em ecologia sem enfoque holístico. Mas a educação é muito mais do que tudo isso. Para falar de educação, é necessária uma análise holística do sistema em que estamos inseridos.

Há algo muito bonito de um historiador chileno, J. Eyzaguirre, que pode se dizer que é uma definição da história, mas que se enquadra muito bem aqui. Diz ele que a história é a maneira de se fazer um tapete, rijo e apertado, em que o sentido da unidade do desenho depende da junção hermética de todos os seus fios. Creio que se trocarmos "história" por "educação" será o mesmo. O que importa não é tanto conhecer estes fios, mas saber como estão arrumados na trama do tapete. Esta mensagem é clara. Nós somos educadores de uma determinada área, atuando em uma especialidade: eu sou pedagoga, outros são filósofos, são físicos, são químicos, matemáticos, por exemplo. Pois bem, a Pedagogia é um fio; mas estou interessada em todo o

tapete, e um fio só não faz o tapete. Poder-se-á colocar os fios da Pedagogia ou quantos a mesma requeira, que não formarão o tapete. É necessário que estejam presentes os fios de todas as manifestações culturais juntas, de sorte que o fio da Pedagogia tenha sua função nesse tapete. Isto é parte de nosso enfoque holístico.

No enfoque holístico, a interrelação e a interação de todas estas partes é o que nos dá a dinâmica de todo o sistema. Este sistema represento-o como de uma realidade: o homem e a ação. Toda nossa vida, em verdade, é a dinâmica desse sistema. O homem, naturalmente, é parte desta realidade; mas ele tem uma percepção muito sua

da mesma: sente-a, seja através de seus sentidos, seja através de suas emoções. Segundo a maneira como ele sinte ou percebe esta realidade, vai exercer uma ação. O homem, o ser humano, exerce ação, e no momento em que deixa de exercê-la está morto. O homem, como um todo, desde criança, em todas as idades, sempre, tem um impulso natural. Poder-se-ia dizer que isto é, talvez, se queremos, a interpretação religiosa: a chama divina do homem é fazer alguma coisa, sempre fazer algo, entrar em ação. Esta ação afetará sempre, de uma maneira ou de outra, a realidade de que temos falado. E com isto temos um sistema cuja dinâmica queremos entender.

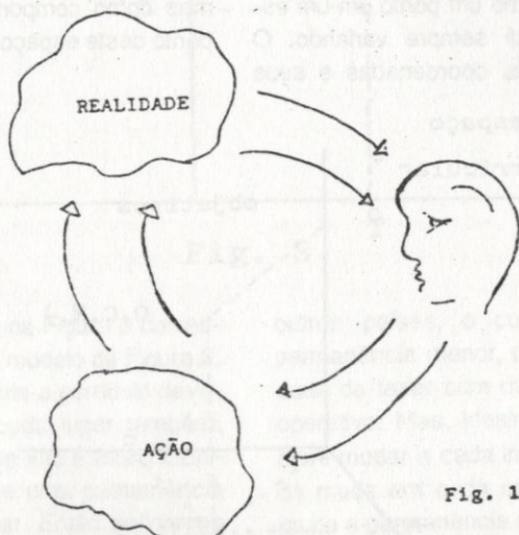


Fig. 1

Na dinâmica deste sistema, que é independente de qualquer processo educativo em sua manifestação, é onde reside toda a humanidade, todo o trabalho diário do homem, seu passado e

seu futuro. Como educadores, de alguma maneira podemos intervir nesta dinâmica, seja criando distorções nela, seja facilitando este processo para o bem-estar geral.

### 3 – O Currículo no Enfoque Holístico.

Neste conceito de enfoque holístico, o currículo obviamente é considerado de maneira um pouco menos tradicional. Claro está que sempre que falamos de currículo falamos de objetivos, de conteúdos, de métodos e de avaliação. São estes os principais componentes do currículo. No conceito holístico, esses componentes (objetivos, conteúdos e métodos) estão totalmente integrados.

Tenho tido – ainda que com pouca formação matemática – uma imagem matemática, e vejo um ponto no espaço. Como o currículo é variável, posso pensar nele como um ponto em um espaço, que está sempre variando. O ponto tem suas coordenadas e seus

componentes que são os objetivos, conteúdos e métodos; mas estes não estão isolados. No momento em que penso no ponto como situado em um espaço curricular, não posso isolar o objetivo do conteúdo nem dos métodos. Nesta concepção, não considero a avaliação como outra dimensão, mas como parte de todo o processo. Não é a avaliação que me diz se um indivíduo finalizou um processo, se passou por um processo ou não. Não, essa é a avaliação negativa, a tradicional, que fazemos, mas que, do ponto de vista educacional, é pouco construtiva. A avaliação construtiva é aquela que, em cada momento, nos diz como estão nossos objetivos, nossos conteúdos, nossos métodos, não de forma isolada, mas como componente do currículo, o ponto deste espaço.

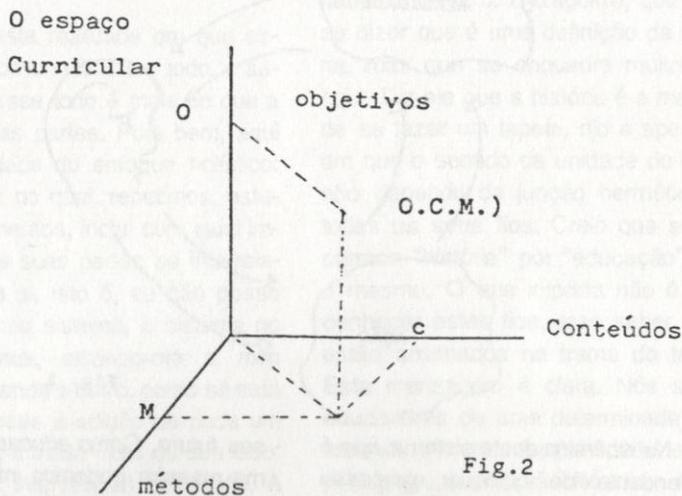


Fig.2

Claro está que ao mesmo tempo em que falo do enfoque holístico, estou falando de um sistema, de uma socie-

dade, do homem. Devemos examinar o que se passa neste outro componente do sistema no qual estamos inseridos,

que é a sociedade. A sociedade sempre pode caracterizar-se por um tempo e um lugar. A sociedade que temos hoje, aqui, é um ponto; a sociedade que teremos amanhã é outro; e se se mudasse de lugar, também a sociedade, que é muito dinâmica, mudaria com o lugar, assim como tem mudado com o tempo. Um grupo de pessoas reunidas por motivo de uma conferência, constituiria um tipo de sociedade; uma reunião semelhante que se realizou ou se realizará em outra situação, em outro lugar, seria outro tipo de sociedade.

Portanto, a influência do lugar e do tempo é fundamental em nossa percepção da sociedade.

#### 4 - Sociedade e Currículo.

Por suposto, estamos muito interessados em conhecer a relação entre sociedade e currículo; isto é, como a sociedade e as mudanças que nela se efetuam - mudanças no tempo e no lugar - afetam o currículo, em todas as suas dimensões.

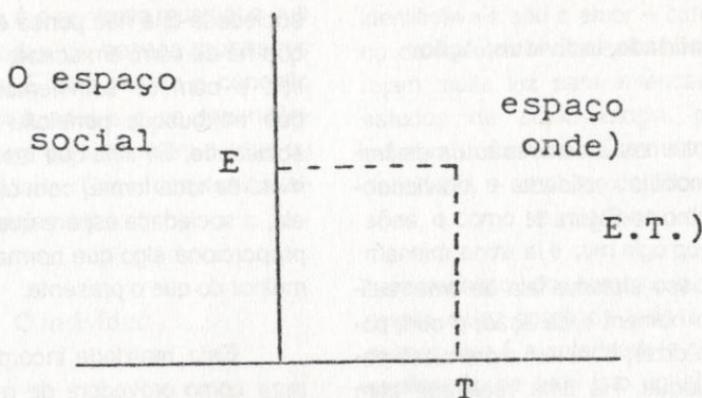


Fig. 3

A cada ponto na Figura 3 corresponde um ponto no modelo da Figura 2; isto é, a cada instante o currículo deveria mudar, e em cada lugar também. Todos sabemos que isto é muito utópico, pois faz sempre uma permanência no tempo e no lugar. Então definamos um currículo que tenha validade.

Em alguns países que têm legislação a respeito de currículo, este tem uma permanência de vários anos. Em

outros países, o currículo tem uma permanência menor, devido à necessidade de fazer com que o sistema seja operativo. Mas, idealmente, o currículo deve mudar a cada instante, porque tudo muda em cada momento. Também muda a permanência do local.

O ideal seria que cada indivíduo tivesse um currículo próprio, porque ocupa um espaço; ele é uma realidade como indivíduo; então, para ele: que é

currículo? que espera dele? É impossível que cada indivíduo tenha um currículo só para si. Então temos currículos que são aplicáveis, digamos, a uma região: há currículos que são aplicáveis a uma cidade, a um país. E sobre este ponto devo dizer que, para mim, é um absurdo que em todo o país se siga um mesmo currículo.

A relação entre sociedade e currículo é uma das coisas mais importantes que nos sugere o enfoque holístico.

## 5 – Realidade, Indivíduo, Ação.

Voltemos à discussão da dinâmica do modelo realidade – indivíduo – ação, como na Figura 1.

Nosso sistema fala de uma realidade, do homem e da ação, o que, poder-se-ia dizer, constitui a premissa para o enfoque. Há uma realidade com muitas características que passaremos a discutir agora. Por um lado, está o indivíduo, o ser humano, que, embora faça parte da realidade, tem uma percepção única, muito sua, do que é esta realidade. Por outro, em função de sua percepção, o ser humano se dirige para uma ação como própria de sua natureza humana. Não é uma máquina, um robô que espera que alguém se lhe acerque e aperte um botão para colocá-lo em movimento, para que comece a fazer algo. O que quer fazer está em função de sua percepção da realidade.

### 5.1. – A realidade

A realidade, considero-a dentro de um contexto mais amplo. A própria sociedade é parte da realidade na qual estamos inseridos. Nossa sociedade tem todo seu passado, toda sua tradição, que é aquilo que determina nossa moral, nossos valores. Na prática educativa, é fundamental reconhecer quais são os valores e a moral desta sociedade em que atuamos. Ao mesmo tempo, toda sociedade tem um futuro e evolui na direção de uma utopia. Não há sociedade que não pense em ter tudo o que há de bom, em acabar com a injustiça e com os sofrimentos. É natural que se busque perfeição para nossa sociedade. Eu diria que isso é a utopia; mas, de toda forma, com utopia ou sem ela, a sociedade espera que o futuro lhe proporcione algo que normalmente seja melhor do que o presente.

Esta realidade incorpora a natureza como provedora de recursos não renováveis, como os minerais, que se esgotam depois de certo tempo. A natureza é provedora destes recursos. Por sua vez, ela é um ecossistema e tem equilíbrio próprio. Mas, ainda que o tenha, penso na natureza e a interpreto como o conjunto daquilo que sucede na Terra e em suas cercanias. Entretanto, isto é parte de algo muito mais amplo: é um cosmossistema que depende de outro tipo de leis e de outro tipo de equilíbrio.

Este cosmossistema nos leva a

algumas catástrofes que são independentes de nossa ação. Se temos algum poder para participar do ecossistema, algo podemos fazer; mas com relação ao que se passa em um contexto mais amplo, no cosmossistema onde se dá a catástrofe, é mínimo, é pequeno, o nosso poder. Coisas deste tipo escapam ao nosso poder, como a que criou a todos nós e a este mundo em que vivemos. Ainda que isto escape a nossas forças, devemos reconhecê-lo como determinante do que sucede.

Há outro aspecto de nossa sociedade que é o contexto mundial e que determina todos os nossos processos econômicos. E aqui entram o conceito de desenvolvimento e o de dependência, que fazem parte também do que eu chamo realidade. Claro que temos alguma influência nisto.

## 5.2. - O indivíduo

O homem é também muito complexo no tocante à sua presença neste sistema global. Como indivíduo, é único, tem suas cargas emocionais e suas cargas culturais; e isto é próprio dele, do indivíduo como tal. Tem seus conhecimentos e o conhecimento de si mesmo, que é talvez a primeira forma de conhecimento que aparece. O indivíduo quer se conhecer: desde criança começa por olhar suas mãos, podendo chegar até a análise de seu interior. Conhecer suas emoções, toda sua psique, é parte de um componente muito

importante que vai definir o homem. Ao mesmo tempo, o homem sempre está em busca de conhecimento mais amplo: quer ter uma cosmovisão. Próprio do homem é saber integrar-se ou entrar neste contexto mais amplo que é o cosmos. A partir daqui surgem os mitos, as religiões, como uma tentativa de dar ao homem um conhecimento de sua posição no universo. Nessa posição, o homem busca o conhecimento, o conhecimento de sua posição no universo. Além disso, os indivíduos – sempre dentro do enfoque holístico – se relacionam. Entre suas relações, as mais identificáveis são o amor – característico do homem – e a solidariedade. Arrojam muita luz para entender isto os estudos de sócio-biologia, que nos aclaram o que são coisas como a solidariedade, o amor, os conflitos, as tensões, e como se relacionam de alguma maneira entre si e com algo que é muito característico do homem, e não somente dele, como de toda a espécie animal, que é a autoridade e o poder. A explicação de tudo isto constitui ainda uma área de investigação muito fértil. Mas o fato, não se pode negá-lo nas relações dos indivíduos entre si. Não há dois indivíduos que se “exponham” um ao outro sem que se desenvolvam relações que mais ou menos possam ficar classificadas dentro desse quadro: amor, solidariedade, conflito, tensões e autoridade.

Entre os indivíduos, sempre quer um, de alguma maneira, predominar sobre os demais. Isto sucede com duas pessoas, sucede em uma sala de aula

com 30, com 40 crianças que participam de uma mesma problemática. Sucede entre adultos e não adultos. E neste complexo chega a ação. Que tipo de ação?

### 5.3. - A ação

Entre as várias formas de ação há uma que nos impressiona muito, que é muito própria do ser humano, muito característica dele: a criatividade. Esta pode ser disciplinada ou anárquica. Se trata de duas interpretações da criatividade, uma mais disciplinada e outra anárquica. Em qualquer de suas formas, a criatividade é muito própria do ser humano; é uma ação e uma resposta a sua percepção da realidade. Não há dúvida sobre isto. É uma ação que não parte do nada; parte da percepção que o indivíduo tem de uma realidade. Esta ação, em nosso sistema global, está submetida a controles exteriores e interiores de toda natureza. Por exemplo: "Não podes fazer isto", "não deves fazer aquilo", "estás proibido de fazer isto". Todas as leis, toda esta estrutura, são controles exteriores à nossa ação. E há controles interiores que respondem mais à nossa percepção, ao nosso conhecimento próprio, à nos-

sa cosmovisão. Assim chegamos a outra ação que eu creio que é fundamental para nossa análise da prática educativa: a crítica. Esta é que vai nos permitir passar da teoria à prática. A que nos leva a permitir que possamos decidir: "eu creio que isto deveria ser assim, mas não posso fazê-lo assim; vou fazê-lo desta outra forma em que é possível obter alguns resultados com a ação, ainda que creia que deveria ser de outra forma". E este mecanismo, este jogo da crítica é fundamental em nossa percepção da prática educativa. Claro está que estes componentes são muito reduzidos. Poder-se-iam ampliar consideravelmente todos os quadros. Mas, de toda forma, isto nos dá uma percepção global da realidade homem-ação.

Agora façamos um pouco de crítica de nossa prática como educadores. Muito do que fazemos é parte deste trabalho: transferência de conhecimentos ou transferência de algumas habilidades, algumas técnicas, para o aprendiz. Podemos dizer que o trabalho mais característico da prática educativa é tentar esta transferência. Recebemos um indivíduo, iniciamos nosso ano letivo com um programa, isto é, com certos conhecimentos.

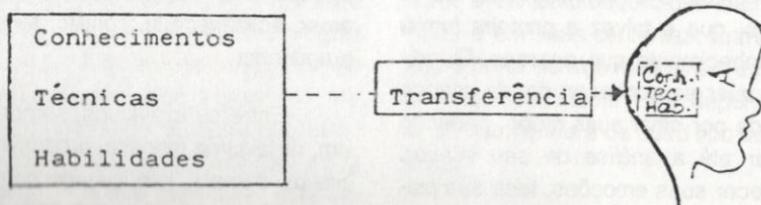


Fig. 4

O programa inclui algumas práticas que são técnicas e, durante o ano, tentamos fazer com que uma quantidade de informações entre na cabeça do aluno: ao final do ano fazemos uma avaliação para saber que parte disto "entrou na cabeça do aluno" e nos contentamos se 50% do que tentamos foi alcançado. Creio que não sou injusta ao dizer que grande parte da prática educativa corrente segue este esquema.

Reexaminarei o que chamo enfoque holístico. Nesse enfoque, como ponto de partida, há uma realidade, na qual está inserido o indivíduo. Esse indivíduo percebe, por seus sentidos (os cinco identificados classicamente pelos cientistas), essa realidade e, como ser humano, quer fazer algo, exercer uma ação sobre essa mesma realidade, de alguma maneira afetá-la. Reconhecemos que essa ação pode ser uma ação infantil, como seria caminhar para chegar a um lugar e tomar um objeto, ou uma ação mais elaborada, como seria a de um camponês que tem um pedaço de terra e umas sementes e sai a semeá-las, parte para realizar uma ação. É certo que, em maior ou menor grau, estas ações requerem conhecimento traduzido em forma de experiências, de informações, de habilidades e de tecnologia disponível (isto é, que ele saiba manejar). Embora o indivíduo tenha, ao perceber sua realidade, todas as suas cargas emocionais, culturais e conhecimentos prévios, a partir da ação, que é um fato novo para ele, vai necessitar de mais conhecimentos que não são seus; o patrimônio acumulado pela hu-

manidade em seus milhares de anos de existência, e que ele pode recolher, pode captar de onde esteja armazenado para seu manejo com vistas à ação que quer compreender. Isolado do processo ao qual se incorpora a ação, esse conhecimento não tem valor, não há por que adquiri-lo.

Sempre coloco um exemplo muito trivial e que me permito repetir: é o de um indivíduo que tem um cachorrinho. Na verdade, trata-se de uma criança que tem um cachorrinho. Na realidade desta criança, o animalzinho representa muito para ela. Também em sua realidade está a circunstância de que ela tem durante o dia a responsabilidade total de alimentá-lo, e, se não o faz, o animalzinho, que é muito especial, poderá morrer, se passar um dia sem comer — poder morrer sem que ninguém em casa se lembre de alimentá-lo, pois a ninguém mais que a ela interessa o cachorrinho, e os demais na casa estão interessados em outras realidades. Essa é a realidade em que vive a criança. Na hora regular, vai à escola e, por alguma circunstância que é parte de uma realidade, esquece de alimentar seu cãozinho, sem que ao sair tenha dito a alguém para fazê-lo. A realidade é que a criança se esqueceu de dar de comer ao animalzinho. Mas, ao chegar à escola, se dá conta disso. Que fazer? Na prática educativa tradicional, deve estar sentada e prestando atenção ao que o professor ensina. Nesta prática se espera que a criança esqueça sua realidade e receba um conhecimento que em verdade não pode captar, pois sua

realidade está solicitando ação de outra natureza: ela quer fazer algo para salvar o seu cachorrinho. Não há possibilidade de voltar à sua casa para atendê-lo? Que tipo de ação pode exercer? Nesse momento, nenhuma; mas se está aí uma tecnologia que se chama telefone e ela sabe qual é seu número e tem a habilidade de manejar o aparelho, pode-se possibilitar a ação salvadora. E mesmo quando a criança não lembrar o número de seu telefone, nem como se usa o aparelho, poderia consultar um

certo livro que constitui o melhor exemplo de conhecimento frio, mas que tem valor quando se necessita utilizar o telefone: catálogo telefônico. Quanto ao uso do mesmo, poderá lembrar os ensinamentos recebidos na escola. Repassa uma prática educativa em que o professor, além de ensinar a buscar os números telefônicos no catálogo, ensina a manejar um aparelho e explica o que é, qual o seu sentido e, assim, adquire valor, neste contexto, o ensinamento.

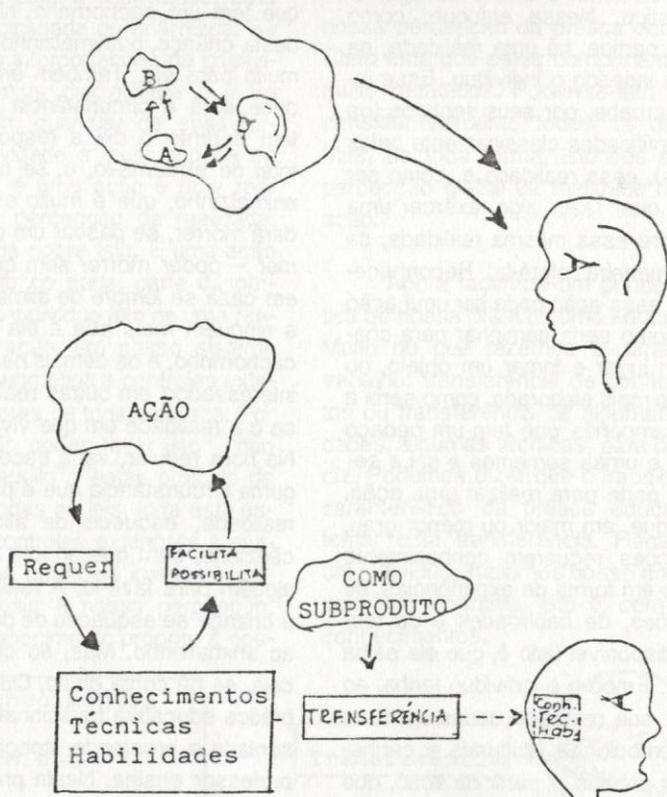


Fig. 5

Mas, onde está a função da educação, agora, neste enfoque holístico da educação? Uma função é motivar esta ação. À criança, é provável que não lhe ocorra utilizar o telefone nessa circunstância. O professor é quem pode motivar esta ação. E se a criança nunca utilizou um telefone e não sabe como fazê-lo, o professor poderia dizer-lhe: "Vou ensinar-lhe a utilizar o telefone", e temos a certeza de que a criança jamais se esquecerá de como se faz. O professor ensina a buscar o número no catálogo telefônico. Ainda que no caso de alguém que jamais tenha buscado um número no catálogo, quando se trata de um momento importante para o sujeito, como no caso narrado, o professor, aproveitando a conjuntura favorável, poderá entrar em ação com uma função que não consiste em fazer a transferência, mas em participar no processo. Isto é o que chamamos o enfoque holístico da educação. O professor se incorpora a este processo, criando mais motivação e, ao mesmo tempo, dando ao indivíduo os elementos para recolher e utilizar os conhecimentos necessários.

Isto também é importante, mas vem a ser um sub-produto. Não há porque orientar toda a prática educativa somente nesta direção. A prática educativa se dá neste caso: não há dúvida de que a criança poderá ser capaz de manejar um telefone depois de utilizá-lo e dar-se conta de que, com seu manejo, o cachorrinho se salvou. Que maravilha! Jamais se esquecerá do aparelho nem de seu número telefônico, porque

isso foi decisivo no momento que vivia. A transferência se realizou.

Muito disto, claro está, não é novidade. É o que fazem os professores que sabem motivar suas aulas; é o que fazemos muito – criamos uma situação, fazemos com que o estudante de qualquer idade ou grau, inclusive a nível de pós-graduação, tenha sua motivação. Mas não há sempre uma ênfase muito marcada neste aspecto. Contudo, repetido, a educação sem motivação é uma educação vazia, que não conduz a nada, ainda que ao final do ano o indivíduo faça uma boa prova, um bom exame, ou obtenha boas notas.

## 6 – O Novo Papel do Professor

Para facilitar isto, a organização disciplinária deve mudar. O professor, que foi treinado tradicionalmente para repetir e para dividir seus conhecimentos, deve fazer exames para verificar os resultados de seu trabalho. O professor não tem sido mais do que um indivíduo que sabe muito bem seu assunto, seu conteúdo, que pode chegar a transmitir. Mas há de ser mais complexo: deve ser, em seu novo papel, em primeiro lugar, um motivador, um orientador do processo realidade-aluno-ação e deve participar, de alguma forma, nesta conceitualização. Sua preparação deve incluir um componente relacionado com a maneira de manejar situações novas que lhe são trazidas pelo aluno, não dadas por ele, isto é,

em certo sentido deve, desde sua posição, dirigir toda a prática que se deriva da motivação dos alunos.

Por suposto, o professor pode provocar a motivação; mas o seu papel de motivador, de orientador do processo, é novo na formação do aluno. Já o professor não pode seguir sendo o que vai ao quadro copiar o que está no livro para que o aluno, por sua vez, passe o mesmo para seu caderno. Isto, que tem sido uma prática comum, não pode subsistir mais.

O professor há de ser, de algum modo, um preparador de materiais funcionais, e é aí que entra a tecnologia educacional com um papel fundamental neste novo trabalho do professor.

O professor deve ter uma participação como programador e preparador de materiais e também como gestor ou administrador do processo educativo. Ele não é o dono da prática educativa. Os alunos em todos os níveis do processo educativo são, hoje, menos passivos e querem participar também em dito processo, no programa e inclusive na definição de toda prática educativa. Assim, o currículo de um Curso de Medicina, por exemplo, pode ser analisado em algumas etapas: escuta-se a todos os professores, escuta-se os alunos e escuta-se também a comunidade. A partir da análise destes três elementos, constrói-se uma forma de compatibilidade destas análises, e a partir daí se define o currículo. A participação dos alunos é, pois, paritária com a dos pro-

fessores, e anda muito bem. Entretanto, quando se propõe esta participação, os professores reagem imediatamente e dizem: como é possível que os alunos determinem e saibam o que eles vão aprender? Não é verdade; eles sabem, e muito bem, ainda que não em detalhes, pois aí entra o trabalho do professor. A comunidade sabe também que, ainda que uma pessoa jamais tenha passado por uma escola de medicina, pode aportar contribuições muito valiosas à definição de um currículo para o referido curso.

O professor deve estar, pois, preparado para ouvir os alunos em coisas que ele sabe que os mesmos não sabem, mas nas quais podem aportar sua contribuição, como, inclusive, na definição da prática educativa da mesma. Esse papel do professor é o que chamo de gestor do processo. Neste sentido, se vê que o novo papel do professor dependerá muito mais de sua preparação no que podemos chamar de áreas paralelas que no que hoje constitui a quase totalidade da formação do professor, que é sua especialidade. Este passa hoje pelos cursos tradicionais, aprende muito conteúdo, aprende algo — não muito — sobre o modo de conduzir a prática educativa, ainda que esse conhecer esteja centrado, por exemplo, na maneira de transmitir os conhecimentos aos alunos. Mas o que eu chamo o novo papel do professor é muito mais amplo: é essa percepção holística de todo o cosmos, essa percepção do que passa de um indivíduo para outro; é uma preparação muito

mais rica, do ponto de vista humanístico, que o professor deve ter.

Pode-se dizer que não há tempo para ele. O que eu posso sugerir ao aconselhar é a supressão de coisas do conteúdo. Pois para que saber tanto conteúdo que está em livros, ou armazenado em fontes de informação, se nós possuímos um conhecimento básico e a capacidade de recolher informação, o que chamam em inglês de information retrieval? A informação está detida, armazenada, morta em livros, em uma série de arquivos históricos de informação. Um pouco de conhecimento básico nos permite ir a recolher as informações quando delas necessitemos. Se se vai tirar algo do programa da formação de professores, tire-se um pouco de conteúdo. Ao pensar todos os

nossos programas, se verá que muito do que se faz não suporta a crítica, uma análise da razão pela qual um determinado tema se acha no programa: ele estava nos livros de 20 anos atrás; nos de 30, também; e deve estar nos de 50 anos atrás. Então se vê que aí está mais por tradição, porque se ensina desde muito tempo; mas continuamos sem mudança e não temos a coragem de suprimir ou tirar o tema.

Com um pouco de análise crítica, vemos que o currículo, o que se ensina, pode ser reduzido consideravelmente, o que nos dá mais tempo para algo que consideramos mais construtivo, tal como a informação do professor, com uma visão mais ampla para seu papel na escola e com um papel mais ativo.

## BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

EISNER, Elliot W. **Conflicting Conceptions of Curriculum**. Berkeley, McCuhan, 1974.

HANNA, Paul R. "Proposed" - A National Commission for Curriculum Research and Development. New York, **Phi - Delta - Kappa**, 42:332, maio 1961.

HUET, Aparecida Barco Soler. Problematizações Relativas ao Currículo. IN: GARROTTI, Ilar. **Tendências e Prioridades de Currículo na Realidade brasileira** (Textos para reflexões). Uberlândia, Universidade Federal, Departamento de Pedagogia, (s.d.). (mimeo)

KOOPMAN, Robert G. **Desarrollo del Currículo**. Buenos Aires, Troquel, 1968.

SAYLOR, J. Galen & ALEXANDER, William M. **Planeamiento del currículo en la escuela moderna**. Buenos Aires, Troquel, 1981.